

Sumário

Editorial	7
<i>Thiago Vasconcelos</i>	
Paixões da alma, uma chave de leitura do Homem Cartesiano.....	10
<i>Kater Vinicius dos Santos</i>	
<i>Bortolo Valle</i>	
Formas de vida: a incomunicabilidade entre homens e leões em Ludwig Wittgenstein	23
<i>Jordhan Gualarte Francisco</i>	
<i>Thiago Vasconcelos</i>	
O <i>transanimal</i> em Hans Jonas: avanço ou declínio?	37
<i>Felipe Teider de G.</i>	
<i>Thiago Vasconcelos</i>	
O Homem Habita No Racional.....	50
<i>Edimar Brígido</i>	
<i>Mateus Henrique Costa Silva</i>	
O homem trágico de Nietzsche	61
<i>Patrick Luan dos Santos</i>	
<i>Léo Peruzzo</i>	



Editorial

O último século representou na história da filosofia uma desconfiança em relação ao elogio humanista que atravessou o pensamento ocidental, pelo menos desde a afirmação de Protágoras de que o homem seria a medida de todas as coisas. Autores como Heidegger, Foucault, Deleuze e Derrida vão questionar – inspirados na filosofia de Nietzsche – os fundamentos metafísicos do que convencionou-se chamar de humano. Esses filósofos desconstróem uma determinada imagem de homem, a saber, a imagem fixa de uma humanidade pretensamente universal, alicerçada sobre a racionalidade. Contrariamente ao humanismo, não admitem a ideia segundo a qual o homem seria o portador de uma essência a ser preservada.

As filosofias da desconstrução e da diferença contribuíram decisivamente para uma rejeição do exclusivismo antropocêntrico, que ao exaltar uma pretensa excepcionalidade humana subjugou os outros vivos, tratando-os como prescindíveis. Cabe lembrar que o ideal humanista carrega consigo um eurocentrismo de fundo, uma vez que o Homem signo do progresso é o Homem da civilização e a civilização é o Homem Branco.

Adorno relembra que o tratamento dispensado aos judeus nos campos de extermínio tem a ver com a percepção de que eles não eram vistos como humanos. Na engenharia da morte, praticada pelo nazismo, encontramos a manifestação do fracasso do huma-

nismo: a violência lançada sobre animais e humanos (considerados mais próximos dos animais do que dos verdadeiros humanos) de uma só vez.

Essa crítica ao ideal humanista, por um lado, revela a dificuldade em se reconhecer como humano aquele que foi considerado outro, o diferente. Por outro lado, ela também leva consigo uma atitude niilista de negação de qualquer valor que transcenda a mera efemeridade da existência humana. Desse modo, pode-se afirmar que a questão sobre as fronteiras do humano não está resolvida na filosofia. Ao contrário, ela é posta, hoje, sob novas formas. Quem somos nós? E quem participa desse “nós”? Essas duas perguntas têm papéis decisivos no jogo da existência futura neste planeta.

Essas discussões pertencentes à antropologia filosófica foram debatidas ao longo do 1º semestre de 2020 no curso de Filosofia da Faculdade Vicentina. De Nietzsche ao transhumanismo, buscou-se analisar e identificar os diferentes modos pelos quais o humano foi pensado e questionado na filosofia do último século.

As pesquisas aqui apresentadas são o resultado do trabalho conjunto entre professores e alunos em torno da questão central da antropologia filosófica, a saber, a demarcação do que é o humano. Desde Aristóteles esse limite entre nós e os outros vivos foi colocado a partir de uma negação. Atribui-se algo ao humano que é negado aos animais como, por exemplo, a linguagem, a alma, o pensamento, o luto, entre outros próprios do homem. Os autores buscaram identificar em diferentes filosofias como o problema da relação humanidade e não-humanidade foi colocado, quais seus limites e suas contribuições para o pensar filosófico a ser feito ainda hoje.

No primeiro artigo, Kater Santos buscou analisar de que modo a noção de paixão é central para se compreender o conceito de homem no projeto da filosofia cartesiana. As paixões da alma

seriam o ponto de encontro entre *res extensa* e *res cogitans* e, nesse sentido, o traço distintivo do humano, a saber, a possibilidade de sentir o mundo e dar sentido a ele.

Em seguida, Patrick Santos recuperou a reflexão nietzschiana sobre a tragédia grega e a relacionou com a crítica à concepção metafísica de homem. O elogio ao humano se revela uma mentira inventada pelo próprio homem para mascarar sua existência efêmera e desprovida de sentido ulterior.

No terceiro artigo, Felipe Teider de Godoi encontrou no conceito de transanimalidade uma ferramenta para questionar a ruptura estabelecida entre humanos e não humanos. Ele apresenta de que maneira Hans Jonas em sua filosofia da vida fundamenta a continuidade entre o ser humano e os demais viventes. Nesse sentido, Hans Jonas se mostra um autor central para se repensar o lugar do ser humano na natureza.

Jordhan Francisco, em seu artigo, mobilizou os conceitos de jogos de linguagem, seguimento de regras e formas de vida – que fundamentam a concepção pragmática da linguagem em Wittgenstein – para pensar a relação entre humanidade e não humanidade. Desse modo, buscou depreender da filosofia da linguagem de Wittgenstein uma reflexão pertinente à antropologia filosófica.

Por fim, Mateus Costa teve como escopo analisar de que modo a filosofia de Habermas pode contribuir com a reflexão da antropologia filosófica. Nesse sentido, evocou o conceito de razão comunicativa para estabelecer uma diferença em relação à razão instrumental – objeto de crítica da filosofia habermasiana – e, ao mesmo tempo, identificar quem é esse homem capaz de conhecer, agir e comunicar.

Thiago Vasconcelos